



MAURÍCIO
WALDMAN

A megacidade real

A cidade - em especial a grande cidade moderna - é o símbolo máximo do mundo moderno. A noção de pertencer à cidade, coletividade que reúne cidadãos, desde sempre esteve ligada a refinamento. A palavra civilização provém, no final das contas, de igual modo que civil e civilidade, do latim *civitas*: cidade.

Anote-se que as metrópoles exercem enorme pressão sobre o ambiente. Estes sítios ocupam apenas 6% da superfície terrestre. Mas consomem 60% da água doce e 75% dos recursos naturais. Deste modo, a megacidade de Londres (12% da população britânica), requer área 120 vezes maior do que o espaço que ocupa para obter recursos para manter-se. Caso Londres fosse padrão urbano geral, precisaríamos de três Terras para sustentar as cidades.

Fato cabal, os impactos do meio urbano mundial repousam em três fatos estruturais básicos. Primeiro, os aspectos quantitativos da urbanização mundial. Frisou o geógrafo Milton Santos: urbanos eram 1,7% da humanidade no início do século 19; em 1950, chegou-se a 21%; passou para 25% em 1960, 37,4% em 1970 e 41,5% em 1980. No início do século 21, metade dos humanos era urbana.

Segundo, temos dimensões qualitativas da urbanização. Outrora, as cidades eram pequenas, vinculadas ao rural. Mas desde o século 18 os urbanos concentram-se em cidades cada vez maiores. Surgem as metrópoles e em seguida, megalópoles.

Um terceiro ponto é que o Terceiro Mundo passa a abrigar o essencial das grandes manchas urbanas. Relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) de 1985 previa que em 2000, metade dos 6 bilhões de humanos estaria habitando cidades. Destes, 2 bilhões em cidades periféricas e 1 bilhão nas afluentes. Antecipava que das 60 cidades com mais de 5 milhões de moradores, 47 seriam periféricas. Em igual medida, 12 das 15 megalópoles.

No geral, estas previsões se cumpriram. Em 2005, das 15 megacidades, tão só quatro são do Primeiro Mundo.

Mas, em 1950, sete das 15 maiores aglomerações estavam nos países centrais. Em 2015, apenas cinco metrópoles afluentes - Tóquio, Nova York, Osaka, Los Angeles e Moscou - estão entre as 22 maiores cidades globais.

Atualmente, das 20 megalópoles, 11 são asiáticas (incluindo Tóquio e Osaka, metrópoles afluentes), quatro são latino-americanas (Cidade do México, São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires), duas são africanas (Lagos e Cairo) e duas estão nos EUA (Nova York e Los Angeles).

Assinale-se que a Europa, berço da civilização urbana moderna, não abriga em 2015 nenhuma das 20 metrópoles mundiais. Na relação das grandes cidades, Londres, que historicamente comandou o mundo urbano, está ausente. E o que dizer de Roma, Paris, Berlim e Viena, que em 1900 constavam entre as dez maiores?

Agora, a liderança está com megalópoles periféricas, todas exibindo problemas infindáveis. Em 2015, 17 das 22 grandes aglomerações estão no Terceiro Mundo, a saber: Mumbai, na Índia, segunda maior urbe do planeta com 22 milhões de habitantes; Dacca, capital do miserável Bangladesh, com 17 milhões; Lagos, na Nigéria, com 16 milhões. Tais metrópoles reais são exata negação do augurado futuro de cidades reluzentes, faustosas e felizes. Materialização suprema da exclusão, o agigantamento da megacidade periférica contesta o cenário dourado antevisto pelos entusiastas da modernização.

No entanto, não há recursos para manter as metrópoles ideais existentes. Como pretender então estender tais regalias às metrópoles reais? Atadas entre si como reflexo invertido, as duas tipologias mostram, como diria Milton Santos, que a desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado.

A prédica indica quão problemática é a visão incriminatória da megalópole periférica real, que reporta na realidade, ao modo de ser da cidade ideal, que apesar de glamourizada, está falida.

Exatamente o que explica o insucesso da megacidade ideal e invertidamente, o sucesso da megacidade real.

Maurício Waldman é antropólogo, coordenador editorial e jornalista. Doutor em Geografia pela USP (Universidade de São Paulo, 2006) e pós-doutor em Geociências pela Unicamp (Universidade de Campinas, 2011). Escreveu "Meio Ambiente & Antropologia" (Senac, 2006), primeira obra brasileira sobre antropologia ambiental.

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

